


*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 06/10/2020

Odair Vieira da Silva

Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC),
campus de Marília/SP
<https://orcid.org/0000-0002-3538-5743>

RESUMO: Este artigo pretende apresentar algumas considerações sobre os paradigmas da historiografia atual, especialmente aqueles relacionados à Escola dos *Annales*. Para tanto, procura-se analisar as práticas historiográficas da história cultural na atualidade, à luz das contribuições do historiador francês Roger Chartier. Nesse sentido, aspira-se refletir acerca da crise geral dos paradigmas das ciências sociais e da história denunciados pela publicação do editorial de primavera da Revista *Annales* de 1988. Afora essas questões, procura-se, ainda, examinar os conceitos de “práticas” e “representações” elaborados por Roger Chartier.
PALAVRAS-CHAVE: Escola dos *Annales*, História Cultural, Práticas, Representações.

ASPECTS OF CULTURAL HISTORY AND THE CONTRIBUTIONS OF ROGER CHARTIER

ABSTRACT: This article intends to present some considerations about the paradigms of current historiography, especially those related to the

Annales School. To this end, we seek to analyze the historiographical practices of cultural history today, in the light of the contributions of the French historian Roger Chartier. In this sense, we aspire to reflect on the general crisis of the paradigms of social sciences and history denounced by the publication of the spring editorial of the *Annales* Magazine of 1988. Apart from these questions, we also seek to examine the concepts of “practices” and “Representations” by Roger Chartier.

KEYWORDS: *Annales* School, Cultural history, Practices Representations.

1 | INTRODUÇÃO

Neste texto, proponho apresentar algumas considerações sobre a história cultural, e as contribuições do historiador francês Roger Chartier. Para tanto, a princípio, identifico aspectos da formação desse historiador e seu interesse pela história cultural, a partir da década de 1960.

Roger Chartier nasceu em Lyon, na França, no ano de 1945, e teve em sua formação forte influência da leitura dos clássicos da Escola dos *Annales* Lucien Febvre (1878-1956), March Bloch (1886-1944) e Fernand Braudel (1902-1985). Em seus trabalhos de investigação, Chartier sempre procurou situar suas “[...] reflexões metodológicas no contexto da disciplina histórica” (MAGALHÃES, 2014, p. 419).

Formado pela Escola Normal Superior de *Saint-Cloud* e pela Universidade de Sorbone na

França, Chartier foi diretor do departamento de estudos e investigações históricas da *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris, onde lecionou a disciplina “Escrita e cultura na Europa Moderna”, no tradicional *Collège de France*, sendo, também, vinculado à atual historiografia da Escola dos *Annales* (CHARTIER, 2007); assinalado historiador francês realizou pesquisas sobre a história da cultura, história dos livros e da leitura na Europa, além da trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais.

Dando sequência ao texto, apresento alguns tópicos da trajetória dos paradigmas historiográficos iniciados com a fundação da Escola dos *Annales*, desde o seu surgimento, em 1929, até a sua retomada nos últimos decênios do século XX. Desse modo, busco refletir sobre a crise geral dos paradigmas das ciências sociais e da história denunciados pela publicação do editorial de primavera da Revista dos *Annales* de 1988.

Por fim, apresento aspectos atinentes aos conceitos de “práticas” e “representações” elaborados por Roger Chartier.

2 I ROGER CHARTIER E A HISTÓRIA CULTURAL

De acordo com Chartier (2007), seu interesse pela história cultural se deu no final da década de 1960. Para o autor, nesse período, a historiografia francesa utilizava as técnicas da estatística para a quantificação dos fenômenos culturais e a literatura tinha pouca importância para esses estudos. À vista disso, a história da cultura operava com as mesmas técnicas e fontes baseadas em dados objetivos da história demográfica social e econômica, tendência essa que incapacitava a história cultural de responder a questões importantes.

Nesse contexto, Barros (2011) evoca que, entre os anos 1950 e 1970, a História Econômica ocupava um lugar destacado nas pesquisas historiográficas. Todavia, nas últimas décadas do século XX, a emergência da Nova História Cultural e da História Política fez com que os objetos e as temáticas historiográficas voltassem sua atenção para essas duas dimensões historiográficas, a Cultura e a Política, de tal forma que, desde o último quartel do século XX, a história cultural e suas diversas correntes relacionavam-se a “[...] diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a antropologia, a linguística, a psicologia ou a ciência política” (BARROS, 2011, p. 39).

Do mesmo modo, de acordo com Magalhães (2014), Chartier defendia a ideia de que “[...] a história deve entrar em diálogo com as outras ciências sociais, a filosofia ou a crítica literária” (p. 419). Assim, o historiador francês inicia uma interlocução com diversos escritores, dentre os quais os sociólogos Pierre Bourdieu (1930-2002) e Norbert Elias (1897-1990), os filósofos Michel Foucault (1926-1984) e Paul Ricoeur (1913-2005), bem como outros autores como Louis Marin (1931-1992) e Michel de Certeau (1925-1986). Magalhães (2014) ainda segue analisando que, em seu campo de estudos, Chartier privilegiava as

[...] disciplinas ligadas ao estudo dos textos (filologia, crítica literária, análise do discurso), ao estudo dos objetos escritos, manuscritos ou impressos (história da escrita, bibliografia material, história do livro e da edição) ou ao estudo das práticas culturais. (p. 420)

Ao lado de Michel de Certeau, Roger Chartier foi um dos grandes reafirmadores das noções complementares de “práticas” e “representações”; ambos estudiosos ponderavam que

[...] a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos. Tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”. (BARROS, 2011, p. 46)

Assim, as práticas culturais devem ser pensadas “[...] não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações – por exemplo, os objetos culturais produzidos por uma sociedade” (BARROS, 2005, p. 131). Para este fim, as “práticas culturais” necessitam levar em conta os usos e costumes de uma dada sociedade, as formas como “[...] os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros” (BARROS, 2011, 46-47).

Dessa forma, em Chartier (2002), a História Cultural tem seu principal alicerce na noção de “representação”, objetivando “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (p. 16-17). Ressalte-se, também, que tais “representações” inserem-se “[...] em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 2002, p. 17), conduzindo à produção de “lutas de representações”, que, conforme o autor, “[...] têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (p. 17).

Em suas investigações, Chartier tem plena convicção de que

[...] o trabalho dos historiadores pode ajudar a compreender melhor as mudanças do nosso presente, em particular a revolução digital, cuja especificidade é melhor entendida quando comparada com outras revoluções na cultura escrita: o aparecimento do *códex*, a invenção da imprensa, as transformações das práticas de leitura, na Idade Média, no século XVIII ou nas sociedades do século XIX. São sem dúvida estas convicções, traduzidas em investigações ou reflexões, que explicam a diversidade dos meus leitores e ouvintes. (CHARTIER, 2014 *apud* MAGALHÃES, 2014, p. 419)

3 I A ESCOLA DOS ANNALES

Na primeira metade do século XX, surge, na França, um movimento intelectual no campo da historiografia, que, de certa maneira, revolucionou e promoveu “[...] uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações” (BURKE, 1992, p. 07). Esse movimento historiográfico é resultado da associação de um grupo de historiadores ligados à Revista *Annales*, fundada em 1929¹, e se popularizou ao propor novas fontes, novos temas e o uso de diferentes disciplinas no estudo da História.

Para Le Goff (2003), a idealização dessa revista, por meio da obra de Marc Bloch e Lucien Febvre, foi “[...] um ato que fez nascer a nova história” (p. 129). A Revista *Annales*, foi, inicialmente, intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale* e suas ideias propagadas inspiraram Lucien Febvre, em 1947, a consolidar “[...] uma instituição de investigação e de ensino em ciências humanas e sociais [...] da École Pratique des Hautes Études” (p. 129). Tal instituição foi transformada, em 1975, na

[...] École des Hautes Études em Sciences Sociales, este estabelecimento em que a história tinha lugar importante, ao lado da geografia, economia, sociologia, antropologia, psicologia, lingüística e semiologia, assegurou a difusão, na França e no estrangeiro, das ideias que tinham estado na origem dos *Annales*. (LE GOFF, 2003, p. 129)

Le Goff (2003) salienta, igualmente, ser possível sintetizar as ideias dos *Annales* “[...] como crítica do fato histórico, da história événementielle e, em especial, política; a procura de uma colaboração com outras ciências sociais” (p. 129). O autor ainda afiança que, em 1903, o economista francês François Simiand (1873-1935) publicou um artigo denominado “*Méthode historique et science sociale*”, produção em que denunciava

[...] os “ídolos” “políticos”, “individuais” e “cronológicos”, o qual inspirou o programa dos *Annales*, cujo espírito foi inspirado pelo sociólogo Émile Durkheim e pelo sociólogo e antropólogo Marcel Mauss; substituição da história-conto pela história-problema, a atenção pela história do presente. (LE GOFF, 2003, p. 129)

Todavia, Burke (1992) assevera que, devido “[...] às divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo, talvez seja preferível falar num movimento dos *Annales*, não numa ‘escola’” (p. 08). Nesse caso, as normas da revista *Annales* podem ser apresentadas em três aspectos:

[e]m primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social, e tantas outras. (BURKE, 1992, p. 07)

1. A revista teve quatro títulos: *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-39); *Annales d'histoire sociale* (1939-1942, 45); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-4); *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1946) (BURKE, 1992, p. 07, grifos do autor).

Além desses fatores, o movimento pode ser dividido em três fases:

[e]m sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores. Era uma “escola” unificada apenas aos olhos de seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que perseveravam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e à história dos eventos. (BURKE, 1992, p. 08)

Le Goff (2003) considera que o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) formulou “[...] uma tese revolucionária sobre *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1966), na qual a história era decomposta em três planos sobrepostos, o ‘tempo geográfico’, ‘o tempo social’ e o ‘tempo individual’ (p. 129). Para além dessa obra, Braudel “[...] publicou nos *Annales* o artigo sobre ‘longa duração’ (1958), que viria a inspirar uma parte importante da investigação histórica subsequente” (LE GOFF, 2003, p. 129). A propósito, na década de 1970, ocorreram vários colóquios e publicações de obras sobre as novas orientações historiográficas. Em 1974, Jacques Le Goff (1924-2014) e Pierre Nora (1931-2012) apresentam um trabalho conjunto “[...] com o título *Faire de l'histoire*, os ‘novos problemas’, as ‘novas abordagens’ e os ‘novos objetivos’ da história” (LE GOFF, 2003, p. 129-130); e, em 1978, Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel lançam um dicionário intitulado *La nouvelle histoire*

[...] dirigindo-se a um público ainda mais vasto, dava testemunho dos progressos da vulgarização da nova história e das rápidas deslocções de interesses no interior do seu campo, destacando também alguns temas: antropologia histórica, cultura material, imaginário, história imediata, longa duração, marginais, mentalidades, estruturas. O diálogo com as outras ciências prosseguia, aprofundava-se, concentrava-se e alargava-se simultaneamente. (LE GOFF, 2003, p. 130)

Nessa perspectiva, as relações entre a história e as demais ciências, como a economia, a sociologia e antropologia, tornaram-se ainda mais intensas. Contudo, a relação entre a história e a antropologia tornou-se mais privilegiada. Nesse ponto, evidencia-se a contribuição de Roger Chartier, ao trabalhar sobre a história do livro; logo, a importância dos trabalhos de Chartier está em que eles

[...] exemplificam e discutem uma mudança na abordagem, como ele diz, “da história social da cultura para a história cultural da sociedade”. Isto é, os ensaios sugerem que o que os historiadores anteriores, pertencentes ou não à

tradição dos *Annales*, geralmente aceitavam como estruturas objetivas, devem ser vistas como culturalmente “constituídas” ou “construídas”. A sociedade em si mesma é uma representação coletiva. (BURKE, 1992, p. 69)

Em suas obras, Chartier “[...] opta por estudar não tanto os camponeses ou os vagabundos, mas a imagem que deles têm as classes superiores, imagens do ‘outro’” (BURKE, 1992, p. 69). Desse modo, distancia-se “[...] dos chamados fatores ‘objetivos’, Chartier está de acordo com a antropologia corrente, com os trabalhos recentes sobre ‘o imaginário’ (discutidos acima) e também com o falecido Michel Foucault” (BURKE, 1992, p. 69). Em linhas gerais, em seus estudos sobre a história do livro, Chartier demonstra “[...] sua crescente insatisfação com a história das mentalidades e com a história serial do terceiro nível” (BURKE, 1992, p. 69). Para Burke (1992), em seus escritos, Chartier segue enfatizando que

[...] é impossível “estabelecer relações exclusivas entre formas culturais específicas e grupos sociais particulares”. Isto claramente torna a história da cultura serial bem mais difícil, se não mesmo impossível. Chartier mudou, portanto, sua atenção, seguindo Pierre Bourdieu e Michel De Certeau, para as “práticas” culturais compartilhadas por vários grupos [...]. Em sua análise dos folhetos e outros textos, o termo central é “apropriação”. O popular não deve, ele sugere, ser identificado com um *corpus* particular de textos, objetos, crenças, ou seja, o que for. O popular está na “maneira de usar os produtos culturais”, tais como festivais ou matéria impressa. Os ensaios de Chartier estão, portanto, profundamente preocupados com a re-escritura, com as transformações sofridas pelos textos particulares quando adaptados às necessidades do público, ou mais exatamente de públicos sucessivos. (BURKE, 1992, p. 70)

Particularmente para Chartier, seus ensaios constituem uma “[...] resposta à insatisfação sentida face à história cultural francesa dos anos 60 e 70, entendida na sua dupla vertente de história das mentalidades e de história serial, quantitativa” (CHARTIER, 2002, p. 13). Para Barros (2011), “[a] perspectiva cultural desenvolvida por autores como Roger Chartier e Michel de Certeau, constitui uma das alternativas teóricas mais influentes para o atual desenvolvimento de uma História Cultural” (p. 56).

4 | O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO: ROGER CHARTIER

Em 1988, o editorial de primavera dos *Annales* “[...] convida os historiadores para uma reflexão comum a partir de uma dupla constatação” (CHARTIER, 1991, p. 173). Por um lado,

[...] a existência de uma “crise geral das ciências sociais”, que se nota tanto no abandono dos sistemas globais de interpretação, destes “paradigmas dominantes” que foram, durante certo tempo, o estruturalismo ou o marxismo, quanto da rejeição proclamada das ideologias que lhe haviam garantido sucesso (ou seja, a adesão a um modelo de transformação radical, socialista, das sociedades ocidentais capitalistas e liberais). (CHARTIER, 1991, p. 173)

Já em contrapartida, o artigo conclui que não se trata, exatamente, de uma crise da história, uma vez que a história

[...] é vista como uma disciplina ainda sadia e vigorosa, no entanto atravessada por incertezas devidas ao esgotamento de suas alianças tradicionais (com a geografia, a etnologia, a sociologia), e à obliteração das técnicas de tratamento, bem como dos modos de inteligibilidade que davam unidade a seus objetos e a seus encaminhamentos. (CHARTIER, 1991, p. 173)

O trabalho de Chartier (1991), portanto, colocou em dúvida o diagnóstico da simultaneidade de uma crise das ciências sociais e da vitalidade da história, devido ao fato do “[...] cuidado de preservar a disciplina numa conjuntura que se percebe como a marca do declínio radical das teorias e saberes sobre os quais a história tinha fundamentado seus avanços nas décadas de sessenta e setenta” (p. 174). O desafio foi lançado pelas disciplinas recentemente institucionalizadas: “[...] a linguística, a sociologia ou a etnologia” (p. 174). Sendo assim, em suas análises, Chartier (2014 apud MAGALHAES, 2014) assevera que a história foi seduzida por duas vertentes, dentre as quais – por um lado – há o enclausuramento

[...] nos seus próprios objetos e hábitos disciplinares, evitando, desta forma, um debate intelectual mais vasto; por outro lado, satisfazer-se com as discussões metodológicas ou epistemológicas, esquecendo-se de que deve ser acima de tudo produção de novos conhecimentos, a partir da construção de objetos novos e da análise rigorosa dos documentos. Para se proteger destes dois perigos, um bom método será apoiar-se nas contribuições teóricas fundamentais das outras ciências humanas e sociais, e mobilizá-las para uma interpretação mais forte, mais densa, dos problemas históricos. É essa a razão de ser do cruzamento entre disciplinas que durante muito tempo se ignoraram. (CHARTIER, 2014 apud MAGALHÃES, 2014, p. 420)

Todavia, a investida contra a história assumia diversas formas, questionando seus objetos e o “[...] primado conferido ao estudo das conjunturas, econômicas ou demográficas, e das estruturas sociais - e nas certezas metodológicas, tidas como pouco seguras à vista das novas exigências teóricas” (CHARTIER, 1991, p. 174). Logo, ao propor normas de cientificidade “[...] e modos de trabalho imitados das ciências exatas (por exemplo, a formalização e a modelização, a explicação das hipóteses, a pesquisa em grupo), as ciências sociais minavam a posição dominante ocupada pela história no campo universitário” (CHARTIER, 1991, p. 174).

A resposta dos historiadores a essa situação foi dupla; de um lado, buscaram “[...] constituir novos territórios do historiador pela anexação de territórios alheios (de etnólogos, sociólogos, demógrafos)” (p. 174), já, de outro, sondavam

[...] o retorno maciço a uma das inspirações fundadoras dos primeiros *Annales*, dos anos trinta: o estudo dos utensílios mentais que o domínio da história das sociedades havia relegado um tanto a segundo plano. Sob a designação de *história das mentalidades* ou, por vezes, de psicologia histórica delimitava-

se ao predomínio da pesquisa, distinto tanto da velha história das ideias quanto da das conjunturas e estruturas. Sobre esses objetos novos (ou reencontrados) podiam ser postos à prova modos de tratamento inéditos, tomados de empréstimo às disciplinas vizinhas: tais como as técnicas de análise linguística e semântica, os instrumentos estatísticos da sociologia ou certos modelos da antropologia. (CHARTIER, 1991, p. 174)

O diagnóstico aventado pelo editorial da Escola dos *Annales*, no final da década de 1980, propunha um “[...] tratamento diferenciado da história, que viveria uma ‘guinada crítica’, e das ciências sociais, que viveriam numa ‘crise geral’” (CHARTIER, 1991, p. 175). Na visão de Chartier, o refluxo do marxismo e do estruturalismo não significa, em si, uma crise das ciências sociais, pois

[...] é justamente a distância das representações objetivistas propostas por estas duas teorias referenciais que se constroem as pesquisas fundamentais, invocando contra as determinações imediatas das estruturas as capacidades inventivas dos agentes, e contra a submissão mecânica à regra as estratégias próprias da prática. A mesma observação vale a *fortiori* para a história, obstinadamente refratária (salvo notórias exceções) ao emprego dos modelos de compreensão forjadas pelo marxismo ou pelo estruturalismo. (CHARTIER, 1991, p. 176)

Chartier (1991), aliás, compreende que as verdadeiras mutações do trabalho histórico “[...] não foram produzidas por uma ‘crise geral das ciências sociais’ [...] nem por uma ‘mudança de paradigma’” (CHARTIER, 1991, p. 176). Para ele, “[...] estão ligadas à distância tomada, nas próprias práticas de pesquisa, em relação aos princípios de inteligibilidade que tinham governado o procedimento historiador há vinte ou trinta anos” (CHARTIER, 1991, p. 176). Assim, operavam-se os três deslocamentos essenciais:

[...] o primado de uma história global, capaz de articular num mesmo apanhado os diferentes níveis da totalidade social; a definição territorial dos objetos de pesquisa, geralmente identificados com a descrição de uma sociedade instalada num espaço particular (uma cidade, uma província, uma região) – que era a condição de possibilidade da coleta e do tratamento dos dados exigidos pela história oral; o primado conferido ao recorte social considerado capaz de organizar a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais. Ora, este conjunto de certezas abalou-se progressivamente, deixando o campo livre a uma pluralidade de abordagens e de compreensões. (CHARTIER, 1991, p. 176)

Sob a perspectiva do historiador francês, os três deslocamentos anteriores são libertadores em relação à tradição instituída, “[...] mas também produtores de incerteza por não constituírem em si um sistema unificado de compreensão” (CHARTIER, 1991, p. 177). A reflexão metodológica de Chartier (1991) enraíza-se numa prática histórica particular e se organiza em torno de três polos:

[...] de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro, a

história dos livros e, para além, de todos os objetos que contém a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferentes. (CHARTIER, 1991, p. 178)

O historiador francês procurou compreender como a circulação de textos escritos e impressos, durante os séculos XVI e XVIII, nas sociedades do Antigo Regime, “[...] modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder” (CHARTIER, 1991, p. 178).

Consequentemente, o autor volta sua atenção para a matéria do encontro entre “o mundo do texto” e o “mundo do leitor” e levanta duas hipóteses: a primeira “[...] sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades” (CHARTIER, 1991, p. 178), já a segunda hipótese “[...] considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes)” (CHARTIER, 1991, p. 178). Para ele, portanto,

[...] voltar a atenção para as condições e os processos que, muito constantemente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1991, p. 180)

De igual maneira, segue propondo um procedimento que “[...] supõe uma tomada de distância em relação aos princípios que fundavam a história social da cultura na sua acepção clássica” (CHARTIER, 1991, p. 180). Destarte, o primeiro distanciamento estabeleceu-se “[...] face a uma concepção estreitamente sociográfica que postula que as clivagens culturais estão forçosamente organizadas segundo um recorte social previamente construído” (CHARTIER, 1991, p. 180). Para Chartier (1991), ao se privilegiar as clivagens culturais sociográficas e socioprofissionais, esqueceu-se de que

[...] outros princípios de diferenciação, igualmente sociais podiam dar conta, com maior pertinência, dos desvios culturais. Assim sendo, as pertenças sexuais ou geracionais, as adesões religiosas, as tradições educativas, as solidariedades territoriais, os hábitos de ofício. (CHARTIER, 1991, p. 180-181)

O autor apresenta, ainda, um segundo deslocamento relacionado “[...] às redes de prática que organizam os modos, histórica e socialmente diferenciados, da relação aos textos” (CHARTIER, 1991, p. 181). Com isso, a leitura

[...] não é somente uma operação abstrata de intelecção: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. Por isso devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores [...]. Uma história da leitura não pode se limitar unicamente à genealogia de nossos

modos de ler, em silêncio ou com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. (CHARTIER, 1991, p. 181)

Igualmente, a partir do enredamento entre “[...] o texto, o livro e a leitura, podem-se formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais” (CHARTIER, 1991, p. 182). E o historiador segue enfatizando que a primeira proposição pretende “[...] levantar os falsos debates em torno da divisão, dada como universal entre as objetividades das estruturas. [...] e a subjetividade das representações” (CHARTIER, 1991, p. 182-183). No que tange às objetividades das estruturas, o autor relata que seria o território “[...] da história mais segura, que, ao manipular documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como verdadeiramente eram” (CHARTIER, 1991, p. 182-183).

Já quanto à subjetividade das representações, Chartier (1991) acrescenta que “[...] se ligaria a outra história dedicada aos discursos e situada à distância do real. [...] privilegiando o estudo dos valores e dos comportamentos de comunidades mais restritas, muitas vezes tidos como homogêneos” (CHARTIER, 1991, p. 183), também trabalhando a noção de representação coletiva, por ele concebida “[...] como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” (CHARTIER, 1991, p. 183). Por conseguinte, apresenta, então, duas vias de representação,

[...] uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma. (CHARTIER, 1991, p. 183)

E outra que “[...] considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade” (CHARTIER, 1991, p. 183). Também Chartier (1991) enseja definições antigas do termo representação como aquelas contidas no *Dicionário Universal de Furetière*, de 1727, em que as acepções de representação se manifestam sob dois enfoques contraditórios; o primeiro alude que

[...] a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado. [...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é. (CHARTIER, 1991, p. 184)

Enquanto, no segundo entendimento, “[...] é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (CHARTIER, 1991, p. 184). No que se refere ao alcance das formas, Chartier (1991) identifica uma segunda proposição “[...] que visa a identificar os desvios mais socialmente enraizados nas diferenças mais formais” (p. 186). Assim, o autor explicita duas razões divergentes: na primeira relata que

[...] os dispositivos formais – textuais ou materiais – inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas e as competências do público a que visam organizando-se, portanto, a partir de uma representação da diferenciação social. (CHARTIER, 1991, p. 186)

E, ainda, salienta que “[...] as obras e os objetos produzem sua área social de recepção, muito mais do que as divisões cristalizadas ou prévias o fazem” (CHARTIER, 1991, p. 186). Portanto, Chartier evoca que a trajetória do livro no antigo regime francês testemunhava o fato de que

[...] a simples posse do livro, durante muito tempo tinha significado por si mesma uma superioridade cultural, são os usos do livro, legítimos ou selvagens, e a qualidade dos objetos tipográficos, finos ou vulgares, que se encontram progressivamente investidos de uma tal função. (CHARTIER, 1991, p. 187)

Segundo o historiador, a atenção às formalidades das práticas “[...] ao lado da produção ou do da recepção que mais prejudicou uma maneira clássica de escrever a história das mentalidades” (CHARTIER, 1991, p. 187). No âmbito das figuras do poder e das práticas culturais, ele visa a rearticular tais práticas sobre as formas de exercício do poder:

[...] a perspectiva supõe um distanciamento em relação ao “retorno do político”, que parece ter tomado uma parte da historiografia francesa. Fundada sobre o primado da liberdade do sujeito, pensado como livre de toda e qualquer determinação, e privilegiando a oferta de ideias e a parte refletida da ação, uma tal posição obstina-se numa dupla importância: ignora as exigências não sabidas pelos indivíduos e que no entanto regulam – aquém dos pensamentos claros e muitas vezes apesar deles – as representações e as ações; supõe uma eficácia própria às ideias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que, ao se apropriarem deles, os investem de significações plurais e concorrentes. (CHARTIER, 1991, p. 188)

Ao passo que, para Le Goff (2003), “[...] a crise do mundo dos historiadores nasce dos limites e das incertezas da nova história, do desencanto dos homens em face da dureza da história vivida” (p. 145). E prossegue constatando que “[...] todo esforço para racionalizar a história, oferecer-lhe melhores pontos de vista sobre seu desenvolvimento, choca-se com a incoerência e a tragicidade dos fatos, das situações e das evoluções aparentes” (LE GOFF, 2003, p. 145).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Cambi (1999), na segunda metade do século XX, especialmente a partir de 1968, ocorreu uma série de movimentos estudantis, políticos e culturais que

[...] ativaram um processo que foi, ao mesmo tempo, uma 'revolução cultural' e uma 'revolução juvenil', que invadiram a sociedade, atravessaram as ideologias, envolveram as instituições, bem como os saberes e, sobretudo, os lugares onde estes se elaboram e se aprendem (as escolas, as universidades). (p. 617)

Para o autor em questão, esses movimentos iniciaram-se nas universidades americanas e, em seguida, foram “[...] disseminados na Europa, na Alemanha, na Itália e, sobretudo, na França, tais movimentos deram lugar a uma fogueira ideológico-cultural inspirada nos pensamentos do ‘três M’ (Marx, Mao, Marcuse)” (CAMBI, 1999, p. 617). Tais movimentos, além de volverem uma crítica à ideologia dos saberes e das instituições sociais, difundiram “[...] comportamentos de extremismo contrários tanto aos reformismos social-democratas quanto aos comunismos bloqueados dos países do Leste” (p. 617).

Corroborando com essa análise, Hobsbawm (1995) assevera que o terceiro quartel do século XX foi marcado por uma dupla revolução social e cultural. Sobre a revolução social, o historiador britânico evoca que esse processo se tornou mais acentuado por meio das publicações dos intelectuais do Ocidente, que passaram a utilizar a pequena preposição “após” como palavra-chave, “[...] geralmente usada na forma latinizada ‘pós’ ou ‘post’ como prefixo para qualquer dos inúmeros termos que durante algumas gerações foram usadas para assinalar o território mental da vida no século XX” (p. 282). Logo,

[o] mundo, ou seus aspectos relevantes, tornou-se pós-industrial, pós-imperial, pós-moderno, pós-estruturalista, pós-marxista, pós-Gutenberg, qualquer coisa. Como os funerais, esses prefixos tomaram conhecimento da morte sem implicar qualquer consenso, ou na verdade certeza, sobre a natureza da vida após morte. Assim a transformação mais sensacional, rápida e universal na história humana entrou na consciência das mentes pensadoras que a viveram. (p. 282)

Nesse contexto, Le Goff (2003) depreende que os territórios mentais da modernidade do século XX anunciaram-se apenas no plano das “superestruturas”, definindo-se, “[...] daqui em diante, em todos os planos considerados importantes pelos homens do século XX: a economia, a política, a vida cotidiana, a mentalidade” (p. 197).

É, assim, que o trabalho de Roger Chartier emerge carregado de significado, pois defende a vinculação das modalidades do agir e do pensar: ambas “[...] devem ser sempre remetidas para laços de interdependência que regulam as relações entre indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras e diferentes situações, pelas estruturas de poder” (CHARTIER, 2002, p. 25).

Todo esse debate em torno dos paradigmas e das práticas historiográficas da atualidade desenvolveu “[...] um novo setor especialmente rico da historiografia: a história da história” (LE GOFF, 2003, p. 135). Afora essa questão, esse novo olhar proporcionado pela historiografia da história tem provocado um “[...] alargamento do horizonte histórico que deve trazer uma verdadeira revolução da ciência histórica, devido à necessidade de por fim ao etnocentrismo e de deseuropeizar a história” (LE GOFF, 2003, p. 136).

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Revista Diálogos**. DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://document.onl/documents/a-historia-cultural-e-a-contribuicao-de-roger-chartier-barros-jose-dassuncao.html>. Acesso em: 26 nov. 2019.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**. PUC Minas, v. 12, n. 16 (2011). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>. Acesso em: 27 nov. 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**: a Revolução francesa da historiografia. Trad. Nilo Adália. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. n. 05, p. 173-91, abr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CHARTIER, Roger. Entrevista – Roger Chartier. **Revista de História**. n. 122, nov. 2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/entrevista-roger-chartier>. Acesso em 26 mar. 2016.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos**: breve século XX 1914-1991. Trad. Marcos Satarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MAGALHÃES, Justino. Cinco questões a Roger Chartier. **Cadernos de História da Educação**. Trad. Mariana Gomes da Costa. v. 13, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/29082/16120>. Acesso em: 28 de nov. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98


S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora


Ano 2020

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 